

Do Diorama ao Retorno dos Gabinetes: Padrões Discursivos em Museus de História Natural na Atualidade

From the Diorama to the Return of the Cabinets: Discursive Patterns in Natural History Museums Today

SOLER, Mariana Galera (2021).
Biodiversidade musealizada: formas que comunicam. Lisboa: Caleidoscópio.

Fabiano Lucena de Araujo

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil
fabiano.laraujo@ufpe.br
<https://orcid.org/0000-0003-0643-1031>
<https://lattes.cnpq.br/9903085823147348>

Resumo: Tratamos aqui da apreciação geral da obra *Biodiversidade musealizada: formas que comunicam*, de Mariana Galera Soler, resultante de tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência pela Universidade de Évora. O livro propõe e analisa modelos teóricos sobre padrões de museografias, a partir de coleções zoológicas - área de interesse e de atuação da autora - e a forma como é traduzida a biodiversidade para o discurso científico dos museus de história natural abordados. A obra constituiu um testemunho detalhado sobre o acervo do Museu Nacional, localizado na cidade do Rio de Janeiro, no período 2014-2018, anterior ao incêndio que comprometeu grande parte de suas coleções.

Palavras-chave: História Natural; Museu Nacional; Exposições.

Abstract: This is a general appraisal of the book *Biodiversidade Musealizada: formas que comunicam*, by Mariana Galera Soler, the result of her doctoral thesis in History and Philosophy of Science at the University of Évora. The book proposes and analyzes theoretical models on museographic patterns, based on zoological collections - the author's area of interest and work - and the way in which biodiversity is translated into the scientific discourse of the natural history museums covered. The work constitutes a detailed account of the collection of the National Museum, located in the city of Rio de Janeiro, in the period 2014-2018, prior to the fire that compromised a large part of its collections.

Keywords: Natural History; National Museum; Exhibitions.

Biodiversidade Musealizada: formas que comunicam é uma obra resultante da experiência acadêmica da pesquisadora Mariana Galera Soler, refletindo sua inserção no campo interdisciplinar entre a biologia e a museologia - é licenciada em Ciências Biológicas e mestre em Museologia (USP) -, processo do qual deriva a tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência, com especialização em Museologia, pela Universidade de Évora, fonte do conteúdo do livro publicado. Constitui o 22º título da Coleção Estudos de Museus, projeto editorial da Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), extinto órgão responsável pela gestão estatal do património cultural na área de Portugal continental, em parceria com a editora Caleidoscópio.

A obra propõe modelos teóricos a partir do discurso museográfico de coleções zoológicas, investigando a forma como é traduzida a biodiversidade nos museus de história natural. A ênfase sobre a dimensão da biodiversidade, como discurso expositivo construído, é assinalada, não só no título da obra, como a percepção que não deve ser confundida com a visão da natureza em si, mas como uma forma de interesse gerado pelo contexto de crise ecológica, que trouxe a noção de biodiversidade para a linha de frente das investigações científicas, a partir do ano de 1986, quando enuncia que o conceito “foi considerado um marcador da contemporaneidade do discurso [...]: idealizado por Walter G. Rosen, do National Research Council / National Academy of Sciences (NRC/NAS), em 1985, durante o planeamento de um fórum sobre crise da diversidade biológica” (SOLER, 2021: 18).

Tendo-se em vista esta abordagem centrada no discurso museológico contemporâneo a respeito da biodiversidade, os padrões museográficos propostos no livro refletem arranjos construídos, historicamente, a partir da confluência entre a teoria e o conhecimento científico acadêmico e as práticas de curadoria baseadas na disposição dos objetos, dos recursos cênicos, do mobiliário e dos textos e legendas. As modalidades, de padrões museográficos analisados e propostos, são apresentadas no primeiro capítulo da obra e representam discursos museais coexistentes na atualidade, embora tenham uma origem histórica datada verificável e contextos ou instituições onde um modelo domina a narrativa sobre os objetos expostos. No entanto, a autora defende que não há uma distribuição linear e progressista de substituição de um discurso por outro que o supere, reverberando, desse modo, a perspectiva de uma investigação interdisciplinar das formas visuais em tempos justapostos na história da arte, sugerida pelo estadunidense George Kubler (1993), que ela cita na epígrafe da obra. Como a própria Soler

(2021) sustenta na proposição dos modelos teóricos “foi possível identificar em exposições concebidas nos dias correntes, diferentes padrões em um mesmo museu de história natural, até mesmo em uma mesma exposição” e destaca que esses padrões “foram descritos de acordo com tempo que surgiram e expressam diferentes momentos históricos e conjunturas científicas, políticas e institucionais de suas origens e influências” (SOLER, 2020: 296 e SOLER, 2021: 250).

No primeiro capítulo, “A Diversidade Normalizada: Padrões Museográficos de Museus de História Natural”, ela identificou, historicizou e sistematizou quatro padrões de museografia (e suas respectivas subdivisões) e propôs, o que se destaca como um forte diferencial analítico de seu trabalho, pelo grau de detalhamento e precisão, uma matriz de 116 indicadores, que permite avaliar a pertinência dos atributos de cada padrão como tipo ideal a ser comparado com os modelos de exposições e instituições analisados na prática.

O i) Padrão Centrado em Objetos e seus respectivos Subpadrões (Taxonômico, Séries Evolutivas/Progressistas, Dioramas) representa, historicamente, o primeiro dos modelos discursivos aplicados às exposição de espécies zoológicas nos museus (durante os séculos XVIII e XIX) e trata de uma disposição focada na morfologia externa dos objetos, seja para reforçar a classificação exaustiva numa cadeia de seres (taxonomia), o posicionamento dos seres numa escala evolutiva e hierárquica (progressista) ou evocar a natureza do meio reconstituído, onde foram encontrados (diorama).

A partir das primeiras décadas do século XX, foi introduzido nas instituições museais, o ii) Padrão Centrado numa narrativa (Subpadrão: Quotidiano, Subpadrão: Ecológico, Subpadrão: *Public Understanding of Science*), quando os objetos em si mesmos foram considerados insuficientes para ilustrar noções científicas, e houve a necessidade de intercalar os itens da coleção com elementos mais “abstratos” que permitam ao público a associação da disposição dos objetos com ideias e novas descobertas (como as da teoria da relatividade, da mecânica quântica ou da biologia molecular) que desafiam a percepção do senso comum e a contemplação imediata do material exposto. Recorrer a uma narrativa explicativa que identifique elementos não visíveis a olho nu, representou um passo para uma guinada mais conceitual na expografia das coleções e uma indicação de que os mundos, científico e o dos museus, não poderiam ficar encerrados em si mesmos, no tocante à especialização das ideias e posições sobre os objetos

expostos, o que foi acompanhado de perto pelo discurso das vanguardas modernistas nas artes plásticas na primeira metade do século XX.

Na segunda metade do século XX, com o desenvolvimento pós-guerra das redes técnico-científicas, resultado do alinhamento entre conglomerados industriais, universidades e governos, a autonomia das instituições, científicas, acadêmicas e museais, sofre um abalo sistêmico, o que estimulou uma abordagem mais comercial e globalizante das exposições, produzindo o iii) Padrão Espetacular (Subpadrão: Blockbuster), caracterizado por um privilegiamento da experiência do visitante, de acordo com o modelo das relações de consumo processadas pelos recursos tecnológicos e de acordo com os códigos e signos disponibilizados pelos *mass media*.

Tal padrão, segundo a pesquisadora, não proporcionou uma leitura mais “democrática” e acessível das informações oferecidas nas exposições, pois o discurso especializado científico e acadêmico ainda é a referência condutora da narrativa. Mas, agora, aquele é revestido de elementos cenográficos, interativos e sensacionalistas, sob um investimento que excede as receitas dos museus. A leitura “democratizante”, que pode ser depreendida por um maior esforço em promover a circulação dos objetos a nível global, a partir de uma visão cultural já definida unilateralmente e tecnicamente produzida: as realidades locais e a cultura dos visitantes recebem de modo não contemplativo/interativo um esquema de percepção já pronto com as concepções científicas dominantes. Por último, Soler apresenta o iv) Padrão “Retorno à Curiosidade” (Subpadrão: Biografia dos objetos), que sinaliza uma retomada do ancestral valor intrínseco dos objetos exóticos das galerias principescas, que antecederam os museus, modelo distanciado de uma pretensão didática e organizadora dos objetos, conferindo uma suposta autonomia ao visitante, para relacionar as cadeias de itens expostos, sem uma orientação demarcada pelos recursos expositivos.

No Capítulo II, “Análise das Exposições: Museografia Categorizada por Padrões”, são descritos cinco exemplos de exposições contemporâneas para a aplicação da metodologia proposta (a partir da configuração dos padrões e indicadores). Foram selecionados museus universitários (e nacionais) de história natural, partindo do critério de serem instituições sob uma mesma tradição acadêmica e de língua lusófona (Brasil e Portugal), que não constituem superpotências científicas e são localizados em grandes centros urbanos portugueses (Lisboa e

Porto) e brasileiros (São Paulo e Rio de Janeiro): Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa, Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto, Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e Museu Nacional do Rio de Janeiro. Já, no Capítulo III, “Enquadramento em Padrão Museográfico (EPM): Números que Ajudam a Explicar Padrões”, é apresentada e analisada a abordagem numérica, mediante teste estatístico de propensão da matriz de indicadores, que visa medir a aderência dos cinco casos de exposições, a partir de uma escala de valores de 0 a 1.

Além de oferecer um diferencial de análise sistemática de padrões museográficos por matrizes de indicadores, o trabalho de Soler (2021) vale enquanto testemunho e referência para os pesquisadores da museologia brasileira, do que foi o Museu Nacional do Rio de Janeiro. A autora desenvolveu uma trajetória de pesquisa, desde 2014, investigando o acervo da instituição e realizou em 2018, durante a primeira semana do mês de agosto, vários registros dos documentos sobre a museografia e fotografias das exposições contemporâneas com acervo zoológico, menos de um mês antes do fatídico incêndio que devastou todas as coleções e seus arquivos, o que faz o trabalho adquirir uma importância significativa. Neste trabalho, chega a conclusões semelhantes já referidas em pesquisas anteriores (nas quais se inclui o próprio Museu Nacional do Rio de Janeiro), quando já havia pontuado que o discurso sobre biodiversidade está concentrado sob a lente dos investigadores em suas áreas de especialização e desconsiderando, como já havia salientado, “as realidades locais” e “as peculiaridades do animal como objeto museológico (como, por exemplo: polissemia, biografia e registro de uma espécie em determinado tempo e espaço)” (LANDIM & SOLER, 2017: 286). O que demonstra a pertinência do trabalho, seja pelo treinamento do olhar sob indicadores dirigidos para as amostras de padrões museográficos, seja pela experiência em pesquisa para diagnosticar os mesmos problemas recorrentes nas instituições na contemporaneidade.

Referências Bibliográficas

- KUBLER, George (1993). *A forma do tempo*: observações sobre a história dos objectos. 3 ed. Lisboa: Vega. Disponível em: <https://monoskop.org/File:Kubler_George_A_forma_do_tempo.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2025.
- LANDIM, Maria Isabel; SOLER, Galera Mariana (2017). O silêncio dos inocentes: o papel dos animais em narrativas expositivas. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 25. n. 2. pp. 269-289, mai.-ago.
- SOLER, Mariana Galera (2020). *Biodiversidade musealizada*: formas que comunicam. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência). Universidade de Évora, Évora.
- Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27868>>. Acesso em: 29 out. 2025.